



Complex bioethics and ecosophy as planetary ethics: contributions from Potter and Morín towards a more humane education¹

Bioética complexa e ecosofia como ética planetária: as contribuições de Potter e de Morín para uma educação mais humana

Bioética compleja y ecosofía como ética planetaria: aportes de Potter y Morín para una educación más humana

Milagros Elena Rodríguez¹ , Ivan Fortunato² 

¹ Universidad de Oriente (UDO), Núcleo de Sucre, Cumana, Sucre, Venezuela.

² Instituto Federal de São Paulo, Itapetininga, São Paulo, Brasil.

Autor correspondente:

Ivan Fortunato

Email: ivanfrt@yahoo.com.br

Como citar: Rodríguez, M. E., & Fortunato, I. (2022). Complex bioethics and ecosophy as planetary ethics: contributions from Potter and Morín towards a more humane education. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 15(34), e17918. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v15i34.17918>

ABSTRACT

It is analysed the complex bioethical and ecosophy as planetary ethics, as wisdoms to inhabit the planet, is fulfilled, from the contributions from Van Potter and Edgar Morín with contributions for a more humane education. We are going to question the thematic territories of the crisis; and from categories such as ecosophy and diatopia with the moments: analytical, empirical and purposeful. In the propositional moment, we give essences that go to a transepistemology of bioethics, taken from reductionism, with complex stakes of ecosophy as an ethic that permeates bioethics.

Keywords: Bioethics. Ecosophy. Complex ethics.

RESUMO

Analisa-se a complexa díade bioética complexa e ecosofia como ética planetária, como sabedorias para habitar o planeta, desde Van Potter e Edgar Morín com contribuições para uma educação mais humana. Vamos questionar os territórios temáticos da crise; e de categorias como ecosofia e diatopia com os momentos: analítico, empírico e propositivo. No momento propositivo, damos essências que vão para uma transepistemologia da bioética, desvinculada do reducionismo, com apostas complexas da ecosofia como uma ética que permeia a bioética.

Palavras-chave: Bioética. Ecosofia. Imaginário.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMEN

Se analiza la diada bioética compleja y ecosofía como ética planetaria, como sabidurías para habitar en el planeta, desde Van Potter y Edgar Morín con aportaciones para una educación más humana. Vamos a interpelar los territorios temáticos de la crisis; y desde categorías como ecosofía y diatopia con los momentos: analítico, empírico y propositivo. En el momento propositivo damos esencias que van a una transepistemología de la bioética, dependida del reduccionismo, con apostes complejos de la ecosofía como ética que permea a la bioética.

Palabras clave: Bioética. Ecosofía. Ética compleja.

RIZOMA TRANSMETODOLOGIA. CATEGORIAS E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A humanidade necessita urgentemente de um novo saber que proverá “o saber de como usar o conhecimento” para a sobrevivência do homem e para a melhoria da qualidade de vida [...] e por isso proponho o termo Bioética para enfatizar sua dois ingredientes mais importantes para alcançar esse novo conhecimento que é urgentemente necessário: o conhecimento biológico e os valores humanos (Potter, 1971, p. 8).

E, no entanto, essa ciência elucidativa, enriquecedora, conquistadora, triunfante levanta problemas cada vez mais graves quanto ao conhecimento que produz, à ação que determina, à sociedade que transforma. Essa ciência libertadora oferece ao mesmo tempo possibilidades terríveis de subjugação. Esse conhecimento tão vivo é o que produziu a ameaça de aniquilação da humanidade. Para conceber e compreender esse problema, devemos acabar com a alternativa estúpida entre uma “boa” ciência, que só traz vantagens, e uma “má” ciência, que só traz prejuízos. Ao contrário, e desde o início, devemos ter um pensamento capaz de conceber e compreender a ambivalência, ou seja, a complexidade intrínseca que está no próprio cerne da ciência [...] (Morín, 1984, p. 32).

Nas epígrafes que apresentam esta pesquisa, sem dúvida, Edgar Morín e Van Potter deixam claro que a humanidade necessita urgentemente de um novo conhecimento que proporcione uma ciência com consciência, uma eticidade como forma de viver com o outro; imperativos para a sobrevivência da terra-pátria. O que significa que a ciência deve ser reorganizada em favor da vida; o conhecimento a favor da recivilização e da sobrevivência, sendo claro que não podemos percorrer os mesmos paradigmas e caminhos porque chegaremos aos mesmos resultados, exemplificados pela realidade de crises que clamamos por redenção.

Se havia dúvidas de que outro caminho era necessário, a pandemia da Covid-19 (que assumiu proporções gigantescas no primeiro quartil de 2020 e continua a causar mortes e outros males até meados de 2021) torna-se uma evidência global de que é preciso repensar a humanidade. Como Chomsky (2020, p. 27) apontou: “Estamos na confluência de diferentes crises de extraordinária gravidade, diante das quais o destino do experimento humano está literalmente em jogo”.

Nas epígrafes, os autores Edgar Morín e Van Potter retratam o desrespeito pela vida, em qualquer forma; a ciência da sobrevivência, o amor à sabedoria deve passar por rever e considerar a complexidade do ser humano, e retornar aos antigos pensadores, retomando a razão não só na mente, mas também no espírito; amor à sabedoria, uma ecosofia que aborda o social, ambiental, mental e espiritual converge em que somos natureza, não viemos para conquistá-la, pois dela fazemos parte. Portanto, Van Potter cria a Bioética para enfatizar a crise que se viu desde então, e Edgar Morín na mesma linha clama pela recivilização da humanidade; entendendo que toda crise pertence à humanidade.

No século XVII, a ciência moderna constituiu-se de forma autônoma, concebida sob o postulado da objetividade, separando o saber, o conhecer e suas formas de construção do conhecimento da ética. Isso foi erradicado a partir do momento em que Roma invadiu a Grécia e foi

escolhido o exemplar saber grego do deleite do saber, da ética e do comportamento moral, no qual o ser se tornou conhecido por seu profundo desenvolvimento metacognitivo em um diálogo-dialético. Os representantes da ciência moderna tinham que saber, quaisquer que fossem as repercussões morais, políticas e religiosas.

Extrema gravidade quando a ciência foi introduzida nas universidades no século 19, depois no século 20, no coração das empresas industriais e

[...] Finalmente, no seio dos Estados, que financiam a pesquisa científica e apreendem seus resultados para seus próprios fins. O desenvolvimento científico, doravante, determina o desenvolvimento de nossa sociedade que, por sua vez, determina o desenvolvimento científico. Doravante, o que era válido para a ciência nascente, marginal, já ameaçada, não é verdade na época da onipresença e do gigantismo da ciência nos séculos XX e XXI (Morín, 2006, p. 77).

Necessitamos trilhar outro caminho e, portanto, queremos esclarecer a ecosofia e a bioética como algumas das categorias do complexo objeto de investigação. Ecosofia é uma pragmática complexa onde “a intuição cosmoteandrica indica a tripla relação entre os seres humanos, o divino e o cosmos, por isso para Panikkar o termo ecosofia significa uma nova sabedoria espiritual que conjuga as três dimensões” (Sepúlveda, 2018, p. 267). Onde servimos Panikkar (2008, online) “[...] A sabedoria da própria Terra, do nosso habitat, da nossa casa, que nos é revelada uma vez que estamos abertos para compreendê-la, para nos entregarmos ao encanto do que ela nos revela. É a sabedoria da Terra, não a perícia humana”.

E daí a sabedoria que nos convoca também atende a uma sabedoria bioética, onde o pensamento abismal que separa a vida em topois (as verdades aceitas, segundo Aristóteles) se aproxima com a hermenêutica diatópica parte da consideração temática de que é necessário, “Compreender o outro sem presumir que ele tenha nosso mesmo autoconhecimento e conhecimento de base. Aqui está em jogo o último horizonte humano e não apenas contextos diferentes entre si” (Panikkar, 2003, p. 23). O aspecto descolonizado aparece em cena como reconhecimento, sem buscar a superioridade em lugares ou representantes destes, a inclusão plena no respeito e na salvaguarda pela vida.

Com isso, tornamos mais complexas as palavras de Van Potter, quando ele veicula que o que o interessava era o questionamento do progresso e para onde todos os avanços materialistas típicos da ciência e da tecnologia estavam conduzindo a cultura ocidental:

Expressar minhas ideias a partir do que, a meu ver, se tornou a missão da bioética: uma tentativa de responder à pergunta que a humanidade enfrenta: Que futuro temos pela frente? E nós temos escolha? Consequentemente, a bioética tornou-se uma visão que exigiu uma disciplina que guiará a humanidade na “ponte para o futuro” (Potter, 1998, p. 25, itálico nosso).

Cumpra-se, assim, neste quadro que desmarca o reducionismo, com o objetivo complexo de analisar a complexa díade bioética e a ecosofia como ética planetária, como saberes para habitar o planeta, de Van Potter e Edgar Morín com contribuições para uma educação mais humana. Tudo isso a partir da hermenêutica abrangente, ecossófica e diatópica como transmétodo de pesquisa (Rodríguez, 2020a). Vê-se que o arcabouço transmetodológico da pesquisa se aventura na complexidade da transdisciplinaridade, ou seja, da transcomplexidade. Isso complica os métodos tradicionais, neste caso a ciência hermenêutica como um guia para a investigação.

A *hermenêutica abrangente, ecossófica e diatópica como transmétodo de construção teórica, conjugada e complexada com o exercício compreensivo e, ecossófico e diatópico* É publicado de forma inédita em Rodríguez (2017). Com este transmétodo vamos questionar os territórios temáticos da crise; e a partir de categorias como ecosofia e diatopia com os passos de Santos (2003):

analítico, empírico e proposital, vamos cumprir o objetivo complexo no marco da linha de pesquisa intitulada: transepistemologias dos conhecimentos-saberes e transmetodologias transcomplexas.

O transmétodo recupera em uma anti-genealogia da pesquisa modernista-pós-moderna-colonial uma transepistemologia, para além do conhecimento reducionista modernista, denotada por separabilidade irreduzível: introdução, desenvolvimento, resultados e conclusões. Eles vão além, nas formações rizomáticas para se enredar de forma complexa, como é do caule às folhas, das flores à raiz, como o rizoma, palavra da Biologia (Deleuze & Guattari, 2004).

Ao constatar que o transmétodo se localiza na transcomplexidade como categoria e transmetodologia, incluo uma responsabilidade ética do conhecimento não reducionista e inclusivo, por meio da “compreensão dos múltiplos níveis da realidade; designa a conjunção do simples e do disciplinar, o que os atravessa e os transcende” (Rodríguez, 2020b, p. 3). Essas múltiplas realidades são pensadas de forma inovadora; criando incisivamente outras formas descoloniais e modos de pensar o conhecimento; entrelaçada com diatopia e ecosofia, sem exclusões.

A primeira característica do transmétodo inclui as subjetividades do sujeito investigador com suas contribuições e “sentipensar”; em que também é vítima do processo de crise do planeta e agente de mudança (Rodríguez, 2020a). No momento analítico vamos contrastar as ideias das obras dos autores originais da investigação: Edgar Morín e Van Potter, entre outros autores e representantes da ecosofia e da diatopia. Esses primeiros momentos começaram a se desenvolver no rizoma atual e no qual ele continua intitulado: a ecosofia como a sabedoria de habitar o planeta, na bioética complexa. O momento proposicional do transmétodo é desenvolvido com os passos de Boaventura de Sousa Santos e é apresentado destacado das citações bibliográficas nos rizomas: Bioética complexa y ecosofia como ética-sabedoria para habitar no planeta.

Esta é uma etapa desenvolvida com o objetivo de abandonar a ideia pragmática simplificadora e reducionista da pesquisa, para permear o transmétodo, a descolonialidade planetária e outras categorias que, nesse sentido, irão permear a investigação. Avançar que a ecologia espiritual faz parte da ecosofia e assim o “sentipensar” dos autores está presente na investigação com a subjetividade dos pesquisadores; que estão cientes de que não existem verdades últimas e não estão comprometidos com a forma modernista-pós-moderna-colonial de investigar.

RIZOMA ANALÍTICO: A ECOSOFIA COMO SABEDORIA DE HABITAR O PLANETA, NA BIOÉTICA COMPLEXA

A ecosofia como arte de habitar o planeta é uma proclamação existencial cósmica, uma crítica cuja exegese segue um raciocínio plural de sentido cultural e complexo, mas ao mesmo tempo, implicada no destino do homem e da terra, que convergem para o social, espiritual, mental e ambiental (Pupo, 2017). Esta proclamação da vida tem as suas raízes em José Martí e Raimón Panikkar e que o pensador complexo Rigoberto Pupo resgata nas suas obras como herdeiro de Martí. No momento atual da crise mundial podemos emitir que: Ecosofia-antropoética: uma recivilização da humanidade, onde “salve-se quem puder!” (Rodríguez & Mirabal, 2020).

Nas linhas de saída para a crise da civilização, levamos em consideração que “para salvaguardar o milagre cósmico que o surgimento da vida representa, devem ser adotadas novas perspectivas bioéticas transdisciplinares que contemplem a complexidade ecossistêmica dos processos coevolucionários da vida” (Collado, 2016, p. 54). É notória a falta de sabedoria para habitar o planeta, de onde vem a sabedoria? Como alcançar o máximo desenvolvimento da Inteligência Espiritual? Assim, a ecosofia como categoria constitutiva de investigação, unindo filosofia, arte, ciência e toda a produção humana à terra, torna-se uma nova inteligência do oikos, a casa do mundo e uma renovação prática do ethos, modos de habitar (Rodríguez & Mirabal, 2020).

Sendo a ecosofia por excelência uma ética que permeia a bioética de forma complexa, pois é a sabedoria do equilíbrio entre essas três dimensões da realidade, “a harmonia é justamente esse jogo natural, espontâneo, livre entre essas três dimensões. Por que um novo equilíbrio? Porque cada momento é novo” (Panikkar, 1994, p. 28). Sendo as três dimensões o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade de cada um, devemos estar cientes da ressignificação do humano como uma complexidade que é moldada pelo espiritual que vem da ecologia espiritual que constitui uma das três ecologias do ecosofia.

Assim, Santos (2002) busca essa proximidade dos topoi em um diálogo de saberes, busca em cada uma de suas obras formas intermediárias de abordagem, o que evidentemente aqui ratificamos que só é possível através de processos descolonizados onde um dos topoi que possui foi escondido ou enterrado. Por isso, a transmodernidade é essencial; ainda mais, o abraço e o reconhecimento que permite a transcomplexidade onde cada um deles é reconhecido em espaços de respeito e legitimidade.

Nesse espaço transparadigmático, a transmodernidade nasce hermenêutica diatópica como uma urgência para “compreender o outro sem supor que ele tenha o mesmo autoconhecimento e o mesmo conhecimento básico. Aqui está em jogo o último horizonte humano e não apenas contextos diferentes entre si” (Panikkar, 2003, p. 23). O aspecto descolonizado aparece em cena como reconhecimento, sem buscar superioridade em lugares ou representantes deles. Liberando o ser, o fazer, o ser, o sofrer e o sonhar para inclusões em todos os sentidos.

É assim que voltamos à criação original da bioética, onde

trata da interação entre as pessoas e os sistemas biológicos. A Bioética Política é essencial para a tomada de decisões saudáveis e a criação de políticas sólidas. Em outras palavras, a ação terá que ser restringida e orientada pelo conhecimento biológico enquanto a Bioética emerge e é finalmente convertida em acordos voluntários ou leis regulatórias em instâncias específicas (Potter, 2002, p. 156).

Em tudo isso, entra em cena a ética da vida: a bioética de que Van Potter (1971), como afirma o pesquisador, precisa de uma ética da terra, uma ética da vida selvagem, uma ética da população, uma ética do consumo, uma ética urbana, ética internacional, ética geriátrica, entre outras. Todos esses problemas exigem ações baseadas em valores e fatos biológicos. Todos eles incluem a Bioética e a sobrevivência do ecossistema total constitui a prova do valor do sistema.

E ali a educação para uma vida digna na velhice, por exemplo, tanto a própria como a colaboradora no respeito ao outro, minimizando aquele pensamento separatório de negar a diversidade e afirmar “que a distância a ser superada não é meramente temporária, no interior de um único e tradição ampla, mas sim a distância que existe entre topoi humanos, “lugares” de compreensão e autocompreensão” (Panikkar, 2007, p. 23). Todos esses problemas de respeito pela vida são problemas que Van Potter queria com uma bioética global que queria assumir. E isso mais tarde foi distorcido em uma ética reducionista. Mas volta a Potter para a análise da bioética. Hoje, os problemas que deve enfrentar são de maior complexidade, por isso deve recorrer à complexidade e à transdisciplinaridade para obter essências de saída da crise.

A bioética deve atender à necessidade de uma reforma do pensamento, pois a necessidade de recivilizar é urgente no conhecimento, recivilizar o equivocado saber reducionista, dividido responsável pelas ações desumanas, “a humanidade está imbuída de uma dialética do saber porque existe uma distância clara entre o evento e a consciência de seu significado” (Morín, 2011, p. 19). Mas também recivilizar o pensamento e o aspecto cognitivo do pensamento, “dois tipos de deficiências cognitivas: a própria cegueira que requer conhecimento interdisciplinar; o occidentalocentrismo, nos dá a ilusão de possuir o universal” (Morín, 2011, p. 19).

Na urgente recivilização da humanidade, não há dúvida de que todos os limites e complexidades do comportamento do ser humano devem ser alcançados, que tem estado longe de

ser humano, vemos por exemplo “a embriaguez consumista da classe média se desenvolve enquanto a situação das classes mais pobres e as desigualdades pioram” (Morín, 2011, p. 23). Por isso, devemos recivilizar a riqueza nas mãos de poucos e alcançar as condições mínimas desejáveis de habitar o planeta. E nesse processo de recivilização salvaguardamos os atos de bioética global que Van Potter emitiu em 1971. Analisamos brevemente, é um ato de fé onde Van Potter (1971) afirma que aceita a necessidade de ação imediata para remediar um mundo em crise e está empenhada em trabalhar com outras pessoas para melhorar a formulação das minhas crenças, desenvolver credos adicionais e juntar-se a um movimento mundial que permite a sobrevivência e um desenvolvimento mais benéfico da humanidade em harmonia com o ambiente natural. São compromissos que todos devemos assumir, por um mundo mais humanizado e cheio de vida.

Um dos saltos de fé é aceitar que a futura sobrevivência e desenvolvimento da humanidade, tanto cultural quanto biologicamente, são fortemente condicionados pelas atividades e programas humanos atuais. Assim, compromete-se a tentar viver a sua própria vida, e influenciar a dos outros, de forma a promover o desenvolvimento de um mundo melhor para as futuras gerações da humanidade, evitando ações que ponham em risco o seu futuro. Nesse sentido, um ato de fé é aceitar o caráter único de cada indivíduo e sua necessidade instintiva de contribuir para o estabelecimento de uma sociedade melhor de forma compatível com as necessidades de longo prazo da sociedade. Dessa maneira, assumindo o compromisso de ouvir os pontos de vista fundamentados dos outros, sejam eles maioria ou minoria; e reconhecer o papel do compromisso emocional para produzir ações eficazes (Potter, 1971).

Van Potter (1971) continua a afirmar, em sua complexa bioética, que certos sofrimentos humanos são inevitáveis porque necessariamente decorrem da desordem natural dos seres vivos e do mundo físico. Mas você não deve aceitar passivamente o sofrimento que vem do comportamento desumano do ser humano para com o ser humano. Ao contrário: é preciso comprometer-se a enfrentar os próprios problemas com dignidade e coragem, ajudando os seus semelhantes quando se sentem angustiados e trabalhando com o objetivo de eliminar o sofrimento inútil que sofre a humanidade como um todo (Potter, 1971).

Todos esses atos de fé devem ser praticados por todas as pessoas, desde que respeitem a vida. Um ato de fé em que a natureza definitiva da morte é aceita como uma parte necessária da vida. Como Potter (1971), afirmamos a veneração pela vida, a crença na fraternidade de todos os humanos e o compromisso de buscar viver de maneira benéfica para a vida de nossos semelhantes presentes e futuros e ser lembrados favoravelmente por aqueles que nos sobrevivem.

Como podemos perceber, esses ideais ecossóficos da bioética global de Potter deixaram muito a desejar na realidade de hoje, sua práxis está longe da intencionalidade de seu criador. Não devemos, nem podemos permanecer na crítica e na imputação dessas realidades adversas, por mais necessária e justa que seja a crítica e a denúncia; “É fundamental desenvolver - construir - caminhos alternativos e, sobretudo, percorrê-los” (Sotologo & Delgado, 2006, p. 114). Seguindo o caráter integrador, cultural e complexo que a caracteriza, muito se pode contribuir para a interpretação construtiva e transformadora de uma moralidade, alicerçada no bem comum, na justiça, na liberdade e na virtude do ser humano, “ecosofia”.

Quando se diz que a realidade atual deixou muito a desejar, é porque, na realidade, não temos um projeto de humanidade, mas de rivalidade. Vivemos uma narrativa milenar de guerras, senão com bombas nucleares, silenciosas, nas quais nos matamos de diferentes maneiras: escravizando outros seres humanos, negando-lhes comida e água potável, trabalho decente, moradia, entre outros. Às vezes, você precisa enfrentar um inimigo comum, como o vírus que causa o Covid-19; mas tal confronto nunca é um projeto da humanidade. Assim, não é por acaso que, em períodos de crise como a pandemia que vivemos, sempre traz resultados altamente danosos para muitas pessoas e comunidades, mas também produz novos milionários e bilionários.

A sociedade globalizada do século XXI deve tomar consciência, com urgência, da insustentabilidade socioeconômica do “quadrimotor globalizante” (Morín et al., 2003, p. 104) da ciência, da indústria, do capitalismo e da tecnologia; Isso é feito em nossa formação decadente; Por isso, alcançar um conhecimento ecossófico é uma missão que nos redime todos os dias como seres humanos. Por isso voltamos a Paulo Freire, e ancoramos em sua esperança:

Ao falar com tanta esperança da possibilidade de mudar o mundo, não quero dar a impressão de ser um pedagogo lírico ou ingênuo. Falando assim, não ignoro o quão difícil está a tornar-se, cada vez mais, envolver-se a favor dos oprimidos, dos que estão impedidos de ser (Freire, 1997, p. 55).

Deve-se levar em consideração que essa complexa eticidade retoma nos pensadores antigos a noção de ética com a perspectiva complexa, “Aristóteles já dizia que a ética deve buscar o bem viver” (Goldim, 2014, p. 7). E nos perguntamos e questionamos, que ética foi carregada no ser humano em uma terra destruída por ações desumanas? Por isso, a tarefa da bioética é fundamental e o caminho que percorreu na modernidade que não permitiu penetrar suficientemente na mudança de pensamento e de ação do ser humano deve mudar de rumo.

Sabemos que a ética de Aristóteles, do período grego, deve ser redefinida aos tempos em que vivemos, mas vale a pena retomar na busca de uma vida digna “bom comportamento em relação à sabedoria (“ciência com consciência”, reflexividade, princípio da precaução ...) da Vida numa sociedade co-evolutiva entre o ser humano e a natureza, na evolução que conduz ao verdadeiro desenvolvimento humano (“evo-devo”) em meio a mudanças rápidas e profundas” (Goldim, 2014, p. 7).

Felicidade, eudaimonia e viver bem, eu zeen, são sinônimos em grego. Ambos começam com a mesma partícula eu, o que significa bom. O termo eudaimonia une essa partícula à palavra daimon, e o resultado literal é um bom demônio, um bom gênio interior que dita ou guia nossa conduta correta. Eu zeen é sinônimo de felicidade, porque todo bem viver é eudaimonia.

Para Aristóteles (2011) a vida é uma atividade, energeia. E essa atividade é extraordinariamente complexa, porque nela se acumulam formas de vida que ocorrem em outros seres. A virtude é a melhor disposição, modo de ser ou faculdade de tudo que tem um uso ou função; a função de cada coisa é o seu fim, por isso a função da alma é fazer viver bem e “a função da virtude será a de uma vida boa e, como tal, o bem perfeito: a felicidade; a felicidade é o melhor e os melhores fins e bens estão na alma” (Aristotle, 2011, 1219a27-35).

E se, em termos gerais, a ética aristotélica se baseava na busca do bem como objetivo último de toda ação humana, ainda precisamos retornar à sua filosofia. Embora tenhamos usufruído de todos os benefícios da ciência e da tecnologia, os males que circunstancialmente nos cercam mostram que estamos longe de atingir essa proposição ética já registrada há mais de dois mil anos. Sem dúvida veremos que: Van Rensselaer Potter e Edgar Morín representam mudanças no pensamento ético contemporâneo (González, 2012).

É assim, na recivilização da humanidade na convergência da bioética e da ecosofia.

a felicidade não se reduz ao bem-estar afetivo de um organismo adaptado ao seu meio. O homem deve refletir para construir sua vida de acordo com os valores. Não pode descuidar nem de sua liberdade, nem de sua responsabilidade ante o compromisso voluntário de sua ação. Ser feliz pressupõe que o homem seja capaz de alcançar um equilíbrio que supere suas contradições e conflitos. Se o homem quer ser feliz, ele não deve esquecer que a felicidade é o resultado de uma conquista primeiro sobre si mesmo e depois sobre um mundo no qual ele deve levar em conta não apenas as forças naturais, mas também os outros homens (Margot, 2007, p. 55).

Bioética complexa e ecosofia como ética como sabedoria para habitar o planeta, contribuições de Van Rensselaer Potter e Edgar Morín vão reunir os topoís: separações que o pensamento ocidental impôs: homens-mulheres, ciências-matemáticas, cientistas-soterrados, entre outros. É urgente eliminar o pensamento abismal imposto, criando topoís pelo Oeste, pelo Leste e agora com o Norte e sua evasão. A diatópica consiste em “elevar ao máximo a consciência da incompletude participando do diálogo, como se um estivesse com um pé em uma cultura e o outro na outra. Aqui reside seu caráter diatópico” (Santos, 2002, p.70). É assim que, a partir desse personagem, se respeita a essência da vida, embutida na natureza como uma terra-pátria; a diatopia não requer apenas um “tipo diferente de conhecimento, mas também um processo diferente de criação de conhecimento. Requer a criação de um conhecimento coletivo e participativo baseado em trocas cognitivas e emocionais iguais, conhecimento como emancipação, ao invés de conhecimento como regulação” (Santos, 2002, p. 30).

Para alcançar todas essas excelências, é necessária uma bioética aberta, complexa, transdisciplinar, adaptável às complexidades do mundo que nos rodeia. E o adaptável,

não por sua maleabilidade, mas vista a partir de uma ética aplicada que reflete no cotidiano, na vida, a bioética não pode ser concebida a partir de um enfoque puramente acadêmico porque a própria vida nos convida a pensar e refletir sobre as situações complexas que o mundo enfrenta e a elas concerne. todos igualmente (Arellanos et al., 2010, p. 32).

A eticidade e a ecosofia complexas como a arte de habitar o planeta requerem uma reconversão transdisciplinar da bioética, integrando e incluindo diferentes “visões de mundo e epistemologias que nos ajudam a refletir simultaneamente de forma sistêmica analítica e holística específica sobre o valor de todas as formas de vida, que co-evolui há bilhões de anos em nossa biosfera” (Collado, 2016, p. 62). Essas excelências estão em andamento em meio ao transcomplexo transparadigma, que urge outra forma de investigar e uma educação que transgrida e subverte as fronteiras das disciplinas.

Nessa consciência da comunidade de destino, é necessário recivilizar as concepções do saber reducionista do que é a terra, muito além da visão da Terra como ser vivo; ela nos revela a matéria como fator do real tão essencial quanto a consciência ou o que costumamos chamar de divino” (Panikkar, 2005, p. 202).

Note-se que “o cosmos tem vida, o cosmos está em movimento e, como o homem, também tem uma dimensão extra, um mais, que é em si e, no entanto, não provém de um sim “restrito e abstrato”” (Panikkar, 1993, p. 60). A partir disso, encorajamos os leitores a se distanciarem das definições simplificadoras do mundo da modernidade-pós-modernidade-colonialidade e irem de uma forma complexa, sábia, da ecosofia; ao respeito pela vida, para isso nos religarmos na complexidade para além do que se institui para as lutas em favor da vida do todo: a terra-pátria.

A seguir, deixamos de lado os autores e os momentos empírico-analíticos para irmos ao propósito de uma hermenêutica compreensiva, eossófica e diatópica.

RIZOMA PROPOSITAL. BIOÉTICA COMPLEXA E ECOSOFIA COMO ÉTICA-SABEDORIA PARA HABITAR O PLANETA

No momento proposital da pesquisa deixamos de lado os autores e os momentos empírico-analíticos que temos com os autores dos dois rizomas anteriores. Queremos uma busca por conhecimentos que nos construam uma bioética complexa e uma ecosofia como ética que nos dá alguns eixos transepistemológicos complexos. Nisso, a felicidade como necessidade de ser e existir que permeia a bioética volta-se para pensadores ancestrais para que, a partir do respeito à vida, numa ética desenvolvamos uma ecosofia que carrega um jeito de ser com o mundo e no mundo. Uma resistência às injustiças que permeiam a humanidade.

A intuição cosmoteandrica como uma premissa espiritual complexa, uma espiritualidade do ser que recupera nossa criação; volta à cientificidade e forma de criar conhecimento com espiritualidade. Nesse modo de conhecer, seus autores se redimem em seu saber, ao mesmo tempo em que se liberam onto-epistemologicamente no modo de investigar. É um exercício de descolonização e descolonização do pensamento e da forma de construção do conhecimento que inclui sentimento, cultura, ciência e conhecimento leigo. Não estamos imersos em dívidas de construções mecânicas para agradar à elite modernista que tem permeado o saber com resultados desastrosos diante da falta de ética que tem feito o ser humano ir contra si mesmo, e contra toda a humanidade.

As tendências bioéticas transdisciplinares sustentam-se como vasos de finas forragens a serem preenchidas como novas obras, sustentando complexidades de compreender de forma complexa, as ciências da vida vão se tornando cada vez mais complexas até que finalmente entendam que todas as ciências da vida devem fornecer sua salvaguarda. Isso é possível sob um treinamento transdisciplinar decolonial-decolonial de forma a não excluir nenhum conhecimento; não assumir preeminência e formar pontes inclusivas nas fronteiras do conhecimento. A vida como preeminência em todos os sentidos privilegia tudo no planeta; ou nada. Pois tudo é afetado pela pequena mudança ou disposição de exclusão, manipulação ou obediência aos poderes hegemônicos globalizantes que privilegiam a saturação econômica sobre a própria vida.

A inteligência do oikos que está ligada ao ethos como fonte de construção inclusiva onde acreditamos a cada dia que somos salvos, enquanto a vida digna de servir está ligada à humanidade como metáfora da existência, da colaboração a revelar no outro. seu melhor potencial É a crença na humanidade e no conhecimento que se carrega como utopia na práxis; como pensar a vida que nos redime num ser que clama pela vida, valorizando-se e identificando-se em todos os pontos do cosmos. Devemos ser movidos pela pobreza crônica, morte por falta de água, declínio da vida em qualquer lugar. Podemos contribuir, devemos manifestar o nosso fazer.

A bioética e a ecosofia complexas devem permear-nos no início de cada dia, desvinculando e religando em favor da vida, que abraça o reconhecimento dos topois, entradas às portas do mundo com fé profunda em todos. Por essa razão, devemos recuperar o sentido espiritual do ser, nossa infinitude que nos diz nossa infinidade de ser; aquela alma que doadora de amor nos leva a um diálogo - dialética para recuperar nosso infinito poder metacognitivo de transformação. Não podemos decair, devemos resgatar em cada crise a oportunidade de metamorfose.

A eudaimonia junto com a esperança como energia que leva nosso ser a se desprender de nossas paixões baixas, por isso a ecologia espiritual como uma das três ecologias que compõem a consciência da ecosofia deve se reconvulgar para a plenitude do ser humano. É uma busca das primeiras questões filosóficas: quem somos? Qual é a nossa missão? É a etapa menos agressiva e contemplativa da nossa missão na terra. Um ato de amor com tudo e com todos.

A bioética complexa e a ecosofia como ética como sabedoria para habitar o planeta permeiam o ser como arte de viver como ação permanente de mudança na práxis. Mas, para isso, ao tomarmos consciência de uma abordagem integral na resolução dos problemas que afetam a vida e o viver, que permeiam o nosso futuro, subjetividades muitas vezes permeadas de desesperança; mas que devemos fazer uma armadura, em profunda fé sob princípios, direitos, virtudes e alteridade complexados com nossa complexidade de ser. Esses sistemas de crenças devem ser desligados dos processos exclusivos em todos os sentidos.

A complexidade permeia a ética complexa: antropológica, socioética, autoética que permeia a ecosofia como sabedoria. A ética em bioética questiona atos de desrespeito à vida; mas permeiam como possibilidade de questionamento dos nossos, que deve ser incisivamente religada aos processos verdadeiramente humanos; é introspectar nossas ações à luz do bem; fazer o bem como a mais alta expressão da humanidade. A ética não como moralista, mas como exercício de busca do

bem comum, respeito à vida em qualquer manifestação; acima dos mandatos irracionais dos estados e dos projetos contornantes que eles tomam forma e permeiam as ações desumanas.

Tudo isso leva a complicar muitas categorias à luz de Edgar Morín e Van Potter e seus processos desumanos revelados que esclarecem missões na educação, na formação de profissionais sob uma mística verdadeiramente humana; deixar a parcela do poder conhecendo sua disciplina, acreditando-se portadores de verdades acabadas, como o sistema colonial quis mostrar; a conveniência dos eixos de dominância. Isso leva a uma complexa educação para a vida com a essência dos sete saberes para a educação, retomando os preceitos da bioética potteriana à luz das novas conformidades que se fazem necessárias em tempos de congestionamento de antivalores.

Os momentos atuais de pandemia, em meados de 2021, em que os profissionais de saúde exercem, em muitos casos, seus melhores esforços para colaborar para salvar vidas; somos permeados por muitas novidades e decisões que prejudicam as pessoas na velhice, que sacrificam vidas em desrespeito pela vida; em pessoas que deixaram um legado de serviço à humanidade. A reflexão ética sobre todos esses problemas em meio a uma pandemia é um desafio para todos; em um grito pela vida, respeito. A bioética com olhar complexo, numa ecosofia como a ética resinificada, a eticidade complexa que permeia a bioética pode auxiliar nesse processo, pode servir como suporte qualificado na busca pela adequação de ações verdadeiramente humanas.

A humanidade necessita urgentemente de uma nova sabedoria que lhe dê uma bioética com uma ética complexa, não permeada pela modernidade reguladora, desrespeitosa à vida; tudo com o propósito de salvaguardar o ser humano, entendendo-o em um sentido complexo como natureza, assim como Ralph Waldo Emerson, o grande pesquisador que permeou a vida exemplar do cubano José Martí, ecossófico por excelência, e insistente na melhoria da humanidade. A bioética teria uma missão: ser um novo tipo de ciência da vida, permeada pelo complexo conceito de vida, onde o espiritual assume um sentido exemplar, em uma noologia que Edgar Morín tantas vezes exemplificou.

Tudo isso deve lidar com essa bioética com os danos que se cometem nos ataques à pátria; Deve navegar no mar de incertezas e remar em favor da vida em todos os sentidos no planeta Terra, com tecnologias interdisciplinares e interdisciplinares; conduzindo um exercício na práxis para a sobrevivência da espécie humana, capaz de integrar as ciências em todos os sentidos, os saberes enterrados, as culturas, os grupos ambientais permeados de valores éticos, onde o estudo dos problemas do meio ambiente e dos outros seres vivos que intervêm na preservação e melhoria da qualidade de vida dos seres humanos devem ser motivo central para o estudo da bioética.

A bioética permeada pela ecosofia como a ética complexa deve ser permeada pela cultura; isso é urgente porque a bioética complexa caminha para a busca contínua da sabedoria, do saber a favor da vida, do saber em estudo para contribuir para a sobrevivência humana e para a melhoria da condição humana. Sem dúvida, é necessário educar na condição humana, as escolas morinianas e potterianas para a vida com o objetivo de melhorar a condição humana e a sobrevivência humana, que é a sobrevivência da terra, e desta é a do humano. ser. Essa excelência não seria alcançada se não entendêssemos a essência da natureza no ser humano. Uma bioética complexa, ele conhecia, com essências espirituais, a noologia do conhecimento.

Note que esta redefinição, em uma complexa religação de alto nível na bioética, permeia uma transepistemologia da bioética tradicional, para além do conhecimento dela, mas também permeia uma nova concepção do espírito que como uma ecologia espiritual que compõe a ecosofia como ética complexa aprofunda a essência do ser humano. Voltamos aos antigos pensadores que expressaram que a razão não está apenas alojada na mente, mas também no espírito. Aquela concordância de uma nova figura do espírito que se nega quando as subjetividades são execradas na modernidade-pós-modernidade-colonialidade. E isso permeou a bioética, tradicionalmente alienando-a para a simplificação.

RIZOMA PROPOSITIVO-CONCLUSIVO. ABERTURAS NO MEIO DAS CONCLUSÕES

Tornamo-nos o objetivo complexo de analisar a complexa díade bioética e a ecosofia como ética planetária, como sabedorias para habitar o planeta, a partir das contribuições de Van Rensselaer Potter e Edgar Morín. Tudo isso a partir da hermenêutica abrangente, ecossófica e diatópica como um transmétodo de pesquisa. As categorias ecosofia e diatopia emergiram do transmétodo no objeto de estudo. Mas numa evolução profundamente espiritual e afetiva, onde nossas subjetividades moldam e permeiam a evolução investigativa.

Não queremos dizer que o estudo esteja concluído enquanto as bordas morinianas e potterianas ainda estão em construção; embora tenhamos cumprido o objetivo complexo da investigação.

Vamos considerar que o espírito que permeia a formação dos profissionais vai para uma religação imprescindível na razão e na consciência necessária à salvaguarda da vida na terra-pátria que se abraça diatopicamente com a cultura, o saber subterrâneo e a transdisciplinaridade do ciências; que deixar como preeminência a busca por verdades últimas e exercícios de poder privilegiará a vida em todos os sentidos. As obras morinianas resgatam a globalidade, a complexidade da bioética potteriana, que dão destaque à formação de profissionais altamente sensíveis onde o amor ao ser humano tenha precedência em todos os momentos; reconhecendo a natureza unida ao nosso ser.

Contribuições dos Autores: Rodríguez, M. E.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Fortunato, I.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: Não aplicável.

Agradecimentos: Os autores agradecem o financiamento para este estudo fornecido pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil), Código Financeiro 001. A primeira autora busca adquirir sabedoria desde a criação do universo, dita por Deus, nosso Pai, na gênese, para adquirir sabedoria é mais valioso do que qualquer bem que devemos “escolher entre suas tribos homens sábios, conhecedores e experientes, e eu irá nomeá-los como seus chefes E você me respondeu e disse: É bom que o que você disse é feito. Então tomei os chefes de suas tribos, homens sábios e experientes, e os designei como seus líderes, chefes de mil, cento, cinquenta e dez, e oficiais para suas tribos” (Deuteronomio 1: 13-15). Graças a Jesus Cristo, a ti dedico tudo o que faço, tu és o meu maior exemplo de perseverança.

REFERÊNCIAS

- Arellano, M., Matos, J., & Oberto, L. (2010). Hacia una mirada transdisciplinar de la bioética. *Revista Latinoamericana de bioética*, 10(2), 20-33.
- Aristóteles. (2011). *Ética Eudemia*. Madrid: Editorial Gredos.
- Chomsky, N. (2020). *Internacionalismo o extinción*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Amsterdam: TNI - Transnational Institute.
- Collado Ruano, J. (2016). La bioética como ciencia transdisciplinar de la complejidad: una introducción coevolutiva desde la Gran Historia. *Revista Colombiana de Bioética*, 11(1), 54-67.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2004). *Mil mesetas: capitalismo y esquizofrenia*. Valencia: Pre-textos.
- Delgado Díaz, C. J. (2007). *Hacia un nuevo saber: la bioética en la revolución contemporánea del saber*. La Habana: Centro Félix Varela.
- Freire, P. (1997). *Pedagogía de la Autonomía: saberes necesarios para la práctica educativa*. 11 ed. Madrid: Siglo XXI.

- González, I. (2012). Van Rensselaer Potter y Edgar Morín: cambios en el pensamiento ético contemporáneo. *Revista latinoamericana bioética*, 12(1), 46-61.
- Goldim, J. R. (2014). Bioética Complexa: um enfoque englobante para o processo de tomada de decisão. In: Raymundo MM, editor. *Bioética e Laicidade: vida e diversidade em conexão*. Curitiba: Prisms, p. 37-55.
- Margot, J. (2007). La Felicidad. *Praxis Filosófica*, 25, 55-80.
- Morin, E. (1984). *Ciencia con conciencia*. Barcelona: Anthropos.
- Morín, E. (2006). *El Método VI: la ética*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Morín, E. (2011). *La Vía: Para el Futuro de la Humanidad*. Barcelona: Editorial Paidós.
- Panikkar, R. (1994). *El Cristo desconocido del hinduismo: para una cristofanía ecuménica*. Madrid: Grupo Libro 88.
- Panikkar, R. (1993). *La nueva inocencia*. Madrid: Editorial Verbo Divino.
- Panikkar, R. (1999). *La intuición cosmoteándrica: las tres dimensiones de la realidad*. Madrid: Trotta.
- Panikkar, R. (2003). *El diálogo indispensable: paz entre las religiones*. Barcelona: Ediciones Península.
- Panikkar, R. (2005). *De la mística: experiencia plena de vida*. Barcelona: Herder.
- Panikkar, R. (2007). *Mito, fe y hermenéutica*. Barcelona: Herder.
- Panikkar, R. (2008). "Ecosofía". Available: <http://cort.as/heA0>. Access: Oct. 2021.
- Potter, V. R. (1962). Bridge to the Future: The Concept of Human Progress. *Land Economics*, 38(1), 1-8.
- Potter, V. R. (1971). *Bioethics: Bridge to the Future*. Nueva Jersey: Prentice – Hall, Inc. Englewood Cliffs.
- Potter, V. R. (1998). Bioética puente, bioética global y bioética profunda. *Acta Bioethica*, 7, 23-33.
- Potter, V. R. (2002). Temas bioéticos para el siglo XXI. *Revista Latinoamericana de Bioética*, 2, 150-158.
- Pupo, R. (2017). *La cultura y su aprehensión ecosófica: una visión ecosófica de la cultura*. Alemania: Editorial Académica Española.
- Rodríguez, M. E. (2017). *Fundamentos epistemológicos de la relación patrimonio cultural, identidad y ciudadanía: hacia una Educación Patrimonial Transcompleja en la ciudad (Tesis inédita de Doctorado)*. Universidad Latinoamericana y el Caribe, Caracas.
- Rodríguez, M. E. (2020a). La hermenéutica comprensiva, ecosófica y diatópica: un transmétodo rizomático en la transmodernidad. *Revista Perspectivas Metodológicas*, 19, 1-15.
- Rodríguez, M. E. (2020b). Matemática-ecosofía: miradas de un acercamiento complejo. *Visión Educativa IUNAES*, 14(29), 1-12.
- Rodríguez, M. E., & Mirabal Rodríguez, M. (2020). Ecosofía-antropoética: una recivilización de la humanidad. *Telos: revista de Estudios Interdisciplinarios en Ciencias Sociales*, 22(2), 295-309.
- Santos, B. S. (2002). Hacia una concepción multicultural de los derechos humanos. *El Otro Derecho*, 28, 59-83.
- Santos, B. S. (2003). *Crítica de la Razón Indolente Contra el Desperdicio de la Experiencia*. Bilbao: Editorial Desclée De Brouwer.
- Sepúlveda Pizarro, J. (2018). Ecosofía: hacia una comprensión de la sabiduría de la tierra desde la noción de ritmo del ser de Raimon Panikkar, en 'llu. *Revista de Ciencias de las Religiones*, 23, 263-278.

Sotolongo, P., & Delgado. (2006) El pensamiento crítico ante la complejidad social. En: Sotolongo, P. y Delgado (2006). La revolución contemporánea del saber y la complejidad social: hacia unas ciencias sociales de nuevo tipo. Buenos Aires: CLACSO.

Recibido: 31 de maio de 2022 | **Aceito:** 2 de julho de 2022 | **Publicado:** 10 de agosto de 2022



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.